

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

PROCURE SEMANALMENTE
NAS BANCAS DE JORNAES

A única missão da ciência é
iluminar o caminho; porém só a
vida liberta de todos os obstáculos
governamentais e doutrinários e
entregue à plenitude de sua ação
espontânea pode criá-la.
Bakunin-Deus e o Estado

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 30 de novembro de 1946

N.º 26

A RESTAURAÇÃO DOS TEMPLOS

P. FERREIRA DA SILVA

O noticiário dos jornais foi alimentado, não há muito tempo, por certos sucessos londrinos. Sucessos lógicos de um após-guerra que não pode escapar às proporções da recente tragédia mundial.

Formam legião os «sem-teto» na Inglaterra. Houve sempre uma grande legião de miseráveis sem-teto, sem roupa, sem pão. Os «sans culotte» da Revolução Francesa eram os democratas populares, os republicanos sem estirpe, o povo que não usava calção de setim e punhos de renda. Mas eram também os pés descalços, os maltrapilhos, cuja indumentária não obedecia a figurinos da corte nem a outros figurinos, não por falta de gosto ou de modelos, mas por falta de pano para fazer as roupas.

Os sem-teto da Inglaterra não constituem uma classe peculiar àquele país, onde tantos milhares de tetos ruíram pela ação dos bombardeios da última guerra,

Quando se divulgavam os fatos da guerra, era grande e impressionante argumento a calma dos ingleses, que saíam dos abrigos anti-aéreos para começar logo a erguer o que as bombas inimigas haviam derrubado. Sendo assim, parece que hoje não devia haver tanta falta de casas em Londres. E muito menos com um partido trabalhista no governo. E muito menos com um rei simpático, aquele rei que aparecia nos jornais cinematográficos visitando os escombros, distribuindo, o o m a rainha, a solidariedade da sua presença entre os desabrigados que não tinham o palácio de Buckingham para morar.

Mas há. E os desabrigados deram que fazer à polícia; porque tiveram a audácia de tomar posse, por um movimento de ação direta, dos edifícios que permaneciam vazios, com seus bons apartamentos desperdiçados, quando tantas famílias de gente pobre e aflita tremiam de frio, sem teto e sem cama e sem cozinha, no coração frio do império vitorioso.

Pois bem, o episódio dos sem-teto perdeu para mim a sua melhor significação revolucionária, desde que vi pressurosos londrinos levar o seu dinheiro a um bispo que faz uma subscrição para reerguer os templos destruídos.

Não quero de forma alguma condenar os templos, nem privar os crentes desse refúgio para as suas meditações. A religião faz parte dos sentimentos de cada um. E depois, há uma certa identidade entre o religioso e o idealista. Aquele tem fé na religião, este tem fé no ideal. A religião é para o primeiro um ideal, para o segundo o ideal é uma religião. Se eu tenho fé no meu ideal, porque não reconhecer como legítima e sincera a fé dos crentes de qualquer outra religião?

Mas a verdade é que is o nada tem que ver com o meu reparo à desconcertante preocupação de uma cidade a braços com o problema dos sem-teto, fazendo subscrições para a restauração dos templos. Não será por esse meio que os bispos ingleses hã o de cumprir o preceito cristão de dar de comer a quem tem fome.

Ánda muitas vezes a par da crença uma dose de estupidez, de resto muito necessária para que se desenvolva a esperteza dos que vivem à custa da exploração religiosa.

A magnificência e a suntuosidade dos templos não constituem uma necessidade da religião. Destinam-se apenas a impressionar

os espíritos sensíveis e as almas timoratas. Quem entra naquelas naveas imensas sente-se pequeno e medroso diante da sua esmagadora grandeza. Mas, não é o medo que dá sinceridade às almas. A encenação do culto reduz o indivíduo, amesquinha-o, humilha-o, em vez de elevá-lo e engrandecê-lo. O homem que tem

fé há de ser grande, sublime, imponente e digno. Não um farapo jogado aos pés do altar.

O bispo londrino quer primeiro restaurar os templos. Quer que os ingleses disponham de confortáveis igrejas, ainda que não tenham habitação decente.

Creio, porém, que o povo deve

preferir a sua casa, o seu teto, o seu abrigo, onde também dê graças ao deus da sua fé. E se quiser orar, não faltará para isso lugar nem ocasião. Bastar-lhe-á erguer os olhos para o firmamento, meditar sobre a imensidade do mar, a fecundidade dos campos e a beleza dos jardins.

INFÂMIA BOLCHEVISTA

PEDRO CATALLO

O povo de S. Paulo, apesar do impedimento policial, fez da praça do Patriarca uma tribuna livre e popular, onde oradores de várias tendências têm falado externando protestos ou propagando programas dos seus respectivos partidos políticos.

Os comunistas, como de costume, procuraram assegurar o predomínio dos seus oradores e organizaram uma brigada de desordeiros, encarregados de gritar, assobiar, insultar e apostrofar todos quantos, em suas arengas, não observem os ditames absurdos da linha justa Prestiana. Todas as noites a brigada do barulho lá está firme, coesa e, quando os oradores que sobem são anarquistas, a gritaria toma proporções atordoantes e aspecto nítido de sabotagem fascista.

Na noite de 15 de novembro, depois de assistir à assuada que impediu a alocação do jovem companheiro Gabriel Lucca, decidi conquistar a tribuna de qualquer forma, pois aquilo era processo só digno das hordas fascistas.

Minha decisão persuadiu a guarda vermelha, ali presente, de que eu devia falar.

Falei reivindicando aquela tribuna livre, para todos, e, sendo para todos, deveria também ser para os anarquistas, visto não haver motivo algum que os excluísse.

Consegui prender a atenção daquele vasto público e as considerações de ordem geral que fiz agradaram plenamente.

Os linha justa tomaram minha atitude como derrota para eles e compreendi, subitamente, que a resposta não se faria esperar. Fingi que abandonava o local para que se decidissem a insultar-me.

Com efeito, assim foi. Quando se sentiram certos da minha ausência, assomou à tribuna um velho agente provocador, que sempre se distinguia pelas desordens que provocava nos sindicatos da Federação Operária de São Paulo.

«Esse anarcoide que falou há pouco, vociferou o detratador, e que se chama Pedro Catallo, é um policial traidor, vendido à burguesia e que denunciou um comunista que a polícia reduziu a precário estado de saúde».

O imundo agente provocador, alucinado com a perspectiva do triunfo bolchevista no Brasil, vomitou contra mim toda a infâmia que constitui o velho e denigrante chavão sempre usado internacionalmente contra nós. Disse como damente o que quis contra os anarquistas e deixou a tribuna satisfeito.

Subi a seguir, afoitamente, para desmascarar aquele desclassificado moral, que mentiu publicamente com um cinismo verdadeiramente aterrador. Mas, a pandilha comunista, mecanicamente organizada, levantou a assuada e sua algazarra abafou minha voz. Com essa manobra puramente fascista, protegia-se a atitude indecorosa de um membro da linha justa muito digno das hordas hitlerianas.

Enquanto a brigada de choque staliniana impedia que se defendesse minha dignidade ultrajada numa tribuna livre e popular, no largo da Concórdia, no comício que o partido comunista realizava para apresentação dos seus candidatos, franqueava-se a tribuna ao padre Arnaldo de Moraes Arruda

que lhes cuspiu na cara a candidatura a ele oferecida pelo partido comunista. São dignos uns dos outros. O Estado não pôde viver sem o embrutecimento do clero. Não sabemos onde vão meter a cara aqueles velhos comunistas que alardeavam o praticismo de suas doutrinas.

Minhas atitudes quer públicas, quer privadas, sempre foram francas, limpas, meridianas e estão a salvo das babas peçonhentas de um histérico mental, cuja irresponsabilidade suscitou repulsa à maioria das pessoas presentes.

Um só fato basta para avaliar-se a contestura moral e a personalidade dos anarquistas. O comunista que assassinou covardemente, no Rio de Janeiro, o nosso

companheiro Antonio Domingues está aqui há 18 anos, passeando tranquilamente pelas ruas de São Paulo, e nenhum anarquista o denunciou. Não o fizemos, não porque tenhamos medo desse criminoso vulgar, muito bem colocado nas hostes comunistas, mas porque pensamos que ser delator policial é a maior baixeza e indignidade que um revolucionário possa praticar.

Seriam capazes os comunistas de proceder assim? Duvidamos.

Nota—Sobre o mesmo assunto recebemos uma correspondência do companheiro Gabriel Lucca. Por falta de espaço, reservamo-la para o próximo número.

O VATICANISMO

GERMINAL

Os empenhos de todos os governos capitalistas são, ainda hoje, os mesmos do passado: manter as melhores relações com seu aliado natural, o clero.

O objetivo comum desses aliados é empanar o bom senso do proletariado para assegurar absoluto domínio sobre ele.

Não se veja nisso infundada polémica; ao contrário, é a realidade sempre e sempre verificada.

Acima de tudo, deve o proletariado defender-se do vaticanismo porque o Vaticano representa uma religião que diz preocupar-se com as coisas do céu, porém que, na prática não visa a menos que o domínio integral do mundo.

O vaticanismo, instituição papal, possui organização centralizada perfeita e sua esperteza política é insuperável. Assenta numa corporação sacerdotal fechada presidida pelo Santo Padre!

Neste século esclarecido, o Vaticano ousa apoiar-se e apoiar seus ensinamentos nos contos infantis da Bíblia. Conta, com o todos os charlatões, com a credulidade do homem comum e, de fato, ainda consegue fascinar muita gente com aquela história, mal contada de um judeu que afirmava ser filho natural de Deus. Os contínuos e desavergonhados ataques do Vaticano ao bom senso firmados na preguiça e bronquite das massas, são, em virtude de sua organização poderosa, mais prejudiciais e perigosos do que os de qualquer outra religião.

O mundo lembra-se ainda, muito bem, daquele sinistro Reino de Deus na terra. Durante 1200 anos, do quarto ao décimo sexto século, dominou esse fascismo ne-

gro, completamente, a vida espiritual e social de toda a Europa.

Foi uma época de agonia para todas as liberdades, uma época de profunda estagnação científica, uma época de tremenda escravidão. Era um regime parecidíssimo ao nazi-fascismo dos nossos dias. Em lugar do amor cristão e do auxílio mútuo, fervia o ódio fanático a todos os que tinham outros ideais.

A ferro e fogo, destruiu a Igreja não somente os pagãos senão também todos os homens que se arriscassem, com estudos próprios, a formular objeções contra a doutrina obrigatória da superstição papal. Em toda a parte floresceram os tribunais especiais de tortura e estes fizeram vítimas inúmeras cujos sofrimentos causaram, é de ver, aos verdugos, requintado prazer. O poder desse Pontifex máximo, manteve-se, durante 12 séculos, mais horrendo, desumano e impiedoso do que outras tiranias antes ou depois dele. Só na Espanha queimou vivos o execrável Torquemada, inquisidor em nome do Vaticano, 8000 indivíduos, e 90.000 pessoas perderam, em favor da igreja católica, seus haveres. Nos Países Baixos, sob a regência de Carlos V, exigiu o sanguiscento Vaticano, pelo menos, 50.000 vítimas.

A morte de Cristo, afirma a Igreja, livrou o homem do pecado original. Porque não livrou a humanidade desses assassinos religiosos, desses impostores que tanto retardaram a marcha da civilização?

Enquanto os gritos de dor e angústia dos torturados enchiam o espaço, acumulavam-se no Vaticano as riquezas da Europa e

rolavam esses parasitas sagrados e seus cúmplices em orgias ignóbeis, com suas amantes.

«Quanto proveito, disse ironicamente o torpe e luético papa Leão X, nos trouxe essa fábula de Jesus Cristo!» (Jovius, *Vita Leonis X*).

Durante o império dos Papas eram péssimas as condições de vida dos pobres. A servidão, o feudalismo e as instituições monásticas avassalavam a Europa: O pobre era feliz se podia armar um miserável barracão nas circunvizinhanças do castelo ou de um claustro, em terras de opressores e exploradores.

Esse é o Reinado de amor e piedade que o Vaticano, aliado ao seu parceiro, o Capitalismo, tenciona outra vez instaurar na terra.

O inquisidor Franco — verdadeiro Torquemada moderno — já esta preparando terreno na Espanha. Ali vige a tirania negra abençoada pelo anacrônico Rei do Vaticano, cujo lema ainda é: «O indivíduo não deve ter liberdade porque dela sempre abusa e esse abuso nos prejudica».

A história do Vaticano é sua influência no mundo revela que nenhum objetivo humano teve até hoje. Longa série dos seus papas, representantes e até santos mereceriam figurar no fichário policial dos maiores criminosos históricos.

Os filósofos têm procurado aumentar ainda mais as provas da existência do deus católico e seus análogos. Deixaram todavia passar o melhor argumento: o fato de terem podido os testas de ferro desse deus, durante 12 séculos, praticar, impunes, tantos crimes horrorosos.

O Papa contra Deus

O que há de morrer

por Floreal Ocaña
(traduzido de Tierra y Libertad (10-10-46))

Em Nuremberg, onze nâzís foram condenados à força por seus crimes de guerra e lesa humanidade. Dentro de meia dúzia de dias dobrar-se-ão as forcas ao peso dos seus corpos.

Não foram as bombas atômicas lançadas em território japonês, causadoras de dezenas de milhares de vítimas, crimes de guerra e lesa humanidade?

Não são criminosos os preparativos da terceira guerra mundial entre as próprias Nações Unidas, pela hegemonia do espaço comercial universal, a que Hitler chamava vital, e que foi causa da primeira?

Acusadores e acusados, cometeram, por sede de mais poder e mais riquezas, os mesmos delitos. Por isso não podemos, como anarquistas ou simplesmente como homens justos, aderir ao côro da Imprensa internacional aprovando o veredicto da vingança de Nuremberg.

O ato do Tribunal Militar Aliado é mais um crime de guerra. Sem embargo, o Vaticano, cúmplice dos condenados, faz causa comum com os verdugos Stalin, Truman e Attlee-Churchill. Bendiz a obra das Nações Desunidas como ontem abençoou os exércitos de Hitler e Mussolini nos momentos em que alcançavam vitórias.

Na data de dez do corrente, ao serem anunciadas as sentenças, o Vaticano, no mesmo dia, proclamou que aprovava os castigos

contra os nâzís culposos. Assim, o Papa manifesta, ao mundo ignorante que abraça a Igreja Católica, que Deus não existe, porque, se existisse, ele, seu representante na terra, o temerário e não se levantaria contra os humanitários princípios do cristianismo.

Se Deus existisse, todo poderoso e considerando filhos seus tanto os sentenciados como os sentenciadores, proibiria o fratricídio. Sendo toda bondade, como poderia aprovar que fossem eles enforcados? Nem o mais miserável e desnaturado pai aprovaria tais maldades contra um filho caído em desgraça.

Qualquer humilde obreiro ou camponês, bom e trabalhador, agradece um bem recebido. O Papa, nem essa qualidade de bem nascido tem. Quando Roma esteve à mercê do nazismo, este respeitou sua pessoa e os fabulosos tesouros que guarda no Vaticano. Porque não gritou ele, então, a Hitler e Mussolini que mereciam força e que aprovaria suas setenças de morte? Ao contrário, abençoava-lhes as armas, como hoje bendiz as de Franco, e desejava-lhes triunfo!

O Papa, se fosse grato aos que o respeitaram, o menos que deveria fazer, era permanecer em silêncio... De fato, tendo sido cúmplice dos processados em Nuremberg, deveria ter pedido que o deixassem ocupar um lugarzinho

(Continua na 3ª pag.)

Aqui como em toda a parte

Traduzimos de L' Internazionale, de Milão, número de 28 de setembro:

Abaixo a revolução

E' esse o grito que se ergue, não dos túmulos, mas das colunas cômicas dos jornais de esquerda sempre que fala Togliatti. Ainda recentemente, Palmiro fez solene juradela:

«O partido comunista, afirmou ele, não prepara a revolução».

Abaixo pois a revolução. Mas, onde se acha a revolução? Muitos camaradas do partido de Togliatti começam a fazer seriamente essa pergunta. Até que um dia percebam que essa revolução está fora do partido comunista.

Eles, os líderes, rufam apalhadamente o pandeiro conforme lhes ordena o patrão russo e ai deles se discreparem, se tiverem rasgos acima da libré. O Togliatti daqui, no seu último discurso, afirmou a mesmíssima cousa. O partido condena qualquer agitação revolucionária. São cordeirinhos mansos, muito amiguinhos da burguesia progressista; mas, note-se, quem não estiver com eles é fascista, reacionário, inclusive os que levam a diante a ação revolucionária contra o capitalismo. E' a lógica das lógicas. Mas, nós os conhecemos e suas farsas não enganam!

Lição dos Fátos

JOÃO MARTINS

(da Juventude Anarquista)

A imprensa tem publicado inúmeras reportagens salientando o avultado número de tuberculosos e os deficientísimos meios de defesa, ou ao menos, de assistência aos infelizes doentes que, segundo declara aos jornais o dr. Alberto Renzo, são em número de 18.000 (dezoito mil) apenas os conhecidos pelo Departamento de Tuberculose, na Capital Federal.

Morrem, por ano, 7000 tuberculosos no Distrito Federal, enquanto possuímos unicamente 2000 leitos distribuídos entre quatro hospitais-abrigo e dois sanatórios.

Isso significa miséria, roubo, crime e, principalmente, descaramento político e governamental.

Estão no Congresso os patrióticos e «populares» senadores e deputados! Está na Presidência da República o «chefe» de todos os brasileiros! Enquanto isso, o povo que os elegeu, compactuando nos conchavos políticos e ludibriado cinicamente, faz fila nos hospitais para leitos e medicamentos!

Pouco a pouco, creio, os trabalhadores verão, na realidade, o que significam as propagandas políticas, o sufrágio universal e a máquina dos governos. E verão, claramente, a verdade — um bando de teóricos, de espírito encerotado, que não sabem senão viver à custa do trabalho alheio, trançando acomodações para sua vida fácil e feliz, proclamando-se, às vésperas das eleições, de cara lavada, em praça pública, representantes do povo, amigos dos operários, e outras mentiras convencionais, que a lei (baseada na injustiça), em vez de condenar, defende.

Verão facilmente que o único amigo e representante do povo é o povo mesmo, e que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores, independente de qualquer partido e contra todos os líderes e chefes.

Verão também que o ordenado de Cr\$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros) por mês, de um Ministro de Estado, é um roubo à economia.

(Continua na 3ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

Continuação do n.º anterior

105 — *Serviços de conservação e higiene* — Esses serviços ficarão, naturalmente, a cargo dos sindicatos respectivos. A higiene individual pode facilmente ser perfeita, pois médicos, dentistas, hospitais com farmácias completas estão à disposição do trabalhador.

Hoje, por exemplo, é comuníssimo ver crianças desdentadas por não poderem os pais pagar a dentista. Em sociedade anárquica, o cuidado com os dentes é de interesse coletivo e constituirá serviço especial.

Outro exemplo: a limpeza das casas não será, provavelmente, feita pelos moradores com os processos morosos, imperfeitos e anti-higiénicos de hoje, mas por um sindicato técnico, com aparelhos aperfeiçoados. O mesmo para asseio e conservação da roupa, permitindo a todos andarem sempre limpos e bem vestidos.

E' muito provável que se chegará a uma padronização de panos e demais produtos, de modo que sejam adotados os tipos melhores e mais belos.

106 — *A família* — E' de prever grande mudança na organização da família. A família atual está constituída sobre as bases do direito romano, tipo da autoridade levada ao sumo grau. A família era propriedade do pater-famílias com direitos maritais e padrões tão grandes que podia vender e matar os filhos.

As revoluções históricas contra a autoridade têm diminuído muito esse poder do chefe da família. Em sociedade anárquica, sem chefes, o marido é apenas companheiro da mulher, a ela unido, não por laços jurídicos, senão apenas pelo amor. Os filhos serão naturalmente afeiçoados aos pais e por eles criados, mas sus-

tentados e guiados pela comunidade inteira, como seus associados.

Não havendo autoridade nem bens que regular, nem leis civis, nem, como prevemos, religiões, não existirá, evidentemente, a instituição, hoje sagrada, do casamento. A união dos sexos será livre e livre sua separação, regulada tão somente pelos preceitos da eugenia com o fim de aperfeiçoar os produtos.

Assim, penso que a união será livre, mas a concepção talvez não. Isso depende das soluções dadas ao problema pelos técnicos e aceites pela comunidade.

A família voltará, pois, a ser produto natural da associação humana. Nenhum prejuízo advirá para os filhos da separação dos pais, porquanto, em sociedade anárquica, não são eles mantidos pelos pais, senão pela comunidade.

107 — *Justiça* — Um dos pontos de mais difícil compreensão para os estudiosos do anarquismo é o da repressão dos crimes em sociedade anárquica. Não havendo autoridade com seus soldados, prisões, juizes, como o reprimir os crimes? Mas, em sociedade anárquica não se reprimem crimes, evitam-se.

Em primeiro lugar, não havendo propriedade particular, nem a maldita concorrência, nem o dinheiro, já desaparece a maior fonte de crimes — roubos, estelionatos, falências fraudulentas, incêndios comerciais, etc., etc. Não havendo, além disso, bebidas alcoólicas, cessam os crimes decorrentes do alcoolismo. Sendo, por fim, muito fácil a satisfação dos desejos sexuais, extingue-se a irritação romântica, fatora dos crimes passionais. Tudo isso ajudado pela educação anárquica para todos. Segundo essa educação, combatem-se no indivíduo todos os preconceitos, inclusive

os de família e de sexo. O ciúme será reduzido ao mínimo ou se extinguirá e, ainda assim, ocasionará somente a separação do casal. Finalmente, a educação anárquica leva o indivíduo, desde criança, a reprimir seus ímpetos de cólera.

Em todo caso, é natural que sobre um mínimo de crimes. Que sucederá então? Muito simples. O crime é o rompimento de um acôrdo tácito de vida em comum, de auxílio mútuo. Se um indivíduo rompe esse acôrdo, cumpre à coletividade julgar se deve ou não relevar a falta. No primeiro caso, tais sejam as desculpas e promessas do faltoso, ele permanecerá na comunhão. No segundo caso, a comunhão negar-lhe-á tudo quanto ele dela exige e o faltoso será forçado a insular-se ou retirar-se. Naturalmente, indo para outra comunidade, esta indagará de onde vem e requisitar-lhe-á sua identificação. Aceita-lo-á, ou não, caso lhe satisfaçam, ou não, as explicações. O mesmo sucederá nas reincidências.

Evidentemente não se incluem no capítulo crime os atos lesivos consequentes às taras. O tarado é um doente. Uma junta de médicos especialistas decidirá se o ato decorre, ou não, de desvio mental ou amoralidade congênita e o doente, caso o seja, será internado num sanatório.

108 — *Viagens* — Pertencendo os meios de transporte aos trabalhadores, a todos é dado viajar. Todavia, essa faculdade é limitada pelas obrigações diárias dos indivíduos. Para receberem tudo da comunidade, cada comunitário deve dar à comunidade o trabalho pela comunidade a ele requerido. Se o indivíduo abandona o trabalho, isto é, se se recusa a executar o trabalho que lhe compete, a comunidade lhe nega, pois ele rompeu o acôrdo, os objetos de que

precisa.

Se o indivíduo quer viajar, pode fazê-lo a vida inteira, exercendo misteres quer nos navios ou comboios, quer nas comunas por onde andar. Podem ser combinadas, por acôrds internacionais, a troca de lugares. Por exemplo: nada impede que eu troque, com um maquinista francês, o meu posto de maquinista no Brasil, ou que um professor francês venha ensinar francês no Brasil, enquanto eu vou ensinar português em França.

109 — *As línguas* — Empeço-lho grande, para isso, parecem as línguas. Em regime anárquico, fatalmente desenvolver-se-á uma língua auxiliar, o esperanto, por exemplo, que se ensinará em todas as escolas ao lado da língua materna. Como, porém, a pronúncia dificulta o entendimento dessa língua, proponho um sistema que já estou experimentando e me parece de pasmoso resultado: a linguagem mímica internacional. E' apenas a adoção de uma linguagem de mudos rigorosamente sistematizada, apoiando nos gestos naturais. A prática elementar desse sistema tem-me revelado que os homens já possuem extenso vocabulário natural de gestos: falta apenas ordená-los, completá-los e praticá-los. Com esse sistema, conscientemente exercitado em todas as escolas, poderão comunicar-se facilmente indivíduos que falem as mais estranhas línguas.

110 — *Diversões e arte* — A anarquia visa à máxima felicidade na terra e assenta essa máxima felicidade no máximo desenvolvimento cultural do indivíduo. Assim, da maior importância nas comunas é a organização selecionada dos divertimentos e o cultivo da arte.

Além dos esportes, há as diversões sociais, sempre com base

artística. As danças serão dirigidas por técnicos e terão o mais puro cunho estético. As danças figuradas, as clássicas, as de composição, as folclóricas e históricas generalizar-se-ão, pois nada custam.

As construções, a cargo dos sindicatos de arquitetos, obedecerão sempre a rigorosa estética e todas as casas serão ornamentadas pelos maiores pintores, decoradores e escultores cuja profissão será exclusivamente essa.

Com efeito, o artista é um trabalhador como qualquer outro e tudo receberá da comunidade desde que lhe dê trabalho artístico. Assim, facilmente será organizado orquestras e corais perfeitos, teatros de ópera ou de tragédia e comédia. Esses teatros, cujo elenco se comporá dos mais perfeitos artistas, escolhidos pelos respectivos sindicatos, irão de município em município sendo, pois, dado a todos ouvirem diretamente as maiores celebrações. Os quadros famosos também circularão em exposições contínuas. Penso que, com o desenvolvimento da televisão, com a transmissão das cores naturais, chegaremos a fazer exposições a distância.

A cinematografia, livre da especulação capitalista, que explora os sentimentos da massa, terá, na comunidade anárquica, saliente papel cultural, não só com filmes científicos, mas também com produções rigorosas de romances célebres. Será extraordinário vivificador da literatura e da história. Como será proveitoso e deleitoso estudar história universal nas escolas, vendo, depois de lida a narração no compêndio, o episódio reconstituído na tela!

Hoje é o gosto da massa que dirige as empresas cinematográficas; em sociedade anárquica, serão os educadores que dirigirão a composição dos filmes;

AÇÃO ANÁRQUICA

SOB O SIGNO ATOMICO

«Habitue-mos a sentir, pensar e agir, fora da estreita concepção nacionalista!»

E. LANTI

«Habitue-mos a sentir, pensar e agir fora da estreita concepção nacionalista!» Esta frase resume os objetivos da S.A.T. (Sennacieca Asocio Tutmonda, ou seja, Associação Mundial dos Esperantistas Revolucionários), que realizará a sua missão social e ideológica à medida que o conteúdo doutrinário daquela frase penetre no cérebro dos camaradas. Ela deve, pois, tornar-se o lema, a bússola moral, o aferidor da validade dos nossos esforços e da razão das nossas decisões.

Capacidade de sentir extranacionalmente: Todos nós somos capazes de sentir, em primeiro lugar, por nós mesmos; depois e por ordem, pelas pessoas de nossa família, da nossa cidade e do nosso país.

Relativamente à maioria dos seres humanos, termina aí a sua capacidade de sentir. Porque? Raramente nós temos ocasião de ser tocados por influências vindas do estrangeiro. Por isso, a nossa mente é o resultado principalmente de inspirações nacionais de toda a espécie. Homens e mulheres que sempre se evidenciaram pessoas de bom coração no trato diário com sua família e seus concidadãos, transformam-se, em épocas de crise nacional ou de guerra, nos indivíduos mais ferozes em relação aos chamados estrangeiros. Um patriota pode ser dentro do seu país um homem pacífico. Explode a guerra, porém, e ele transforma-se num indivíduo ávido de sangue, que só sente alegria ao ter conhecimento das desgraças ocorridas no país «inimigo». A sua

compaixão pelos sofrimentos dos seus compatriotas só serve para multiplicar o ódio ao «inimigo». Só dentro dos estreitos limites das fronteiras nacionais ele é capaz de sentir. A nossa principal tarefa hoje, em pleno signo da era atômica, no momento em que sobre as nossas cabeças pende, terrível, a ameaça de uma guerra, que bem pode ser a última, deve consistir, pois, em alargar a nossa capacidade de sentir.

Capacidade de pensar extranacionalmente: Na época atual os povos são, por todo o mundo, com exceção de dois ou três, governados pelo sistema democrático. O verdadeiro poder repousa nas mãos daqueles que possuem meios de formar opinião. Como a imprensa e, de um modo geral, a indústria editorial estão nas mãos dos capitalistas, estes últimos são, pois, de fato, os únicos detentores do poder. Eles regem os pensamentos das multidões podendo escarrar sobre elas, por meio de jornais de enormes tiragens, as mais monstruosas mentiras, e silenciar os acontecimentos dignos da maior publicidade.

O proveito pessoal de tais potentados identifica-se com o do Estado — efetivamente, eles são o próprio Estado. Consequentemente, eles formam a opinião pública segundo os objetivos nacionais, isto é, criam um espírito nacionalista.

Apesar dos meios rápidos de transporte, do telégrafo, do telefone e de outros modernos instrumentos de cultura desrespeitados das fronteiras, os povos mantêm-se ainda cercados por barreiras invisíveis erguidas por hábeis mãos. E' pois da maior necessidade utilizarmos-nos da língua mundial esperanto, verdadeiro dissolvente das fronteiras, e do nosso organismo supranacional, S. A. T., para estabelecermos relações com camaradas de todos os países. Sómente assim nós poderemos imunizar-nos contra esse abominável sentimento que se chama nacionalismo-patriotismo.

Para sermos capazes de pensar por cima das fronteiras, precisamos de impulsionar cada dia mais o movimento esperantista, de tornar cada vez mais valiosa e maior a imprensa esperanta e literatura esperanta concebida sob o ponto de vista nacionalista, ou seja com critério e espírito verdadeiramente humano. Ao mesmo tempo e tanto como numerosas edições das melhores obras socialistas, necessitamos editar urgente mente, (em esperanto, claro) livros de histórias para crianças, através das quais nossos filhos conheçam a vida dos homens verdadeiramente eminentes, cujo gênio e grandeza de alma não podem ser encerrados no quadro estreito de qualquer nação. Todos os eminentes vultos cosmopolitas, anacionalistas, apatriotas, devem ser conhecidos e honrados — em vez de reis, guerreiros e estadistas inescrupulosos.

Falando sobre a capacidade de pensar anacionalmente, queremos com isto significar que a fonte das nossas informações deve ser, de fato, anacionalmente objetiva.

Capacidade de atuar extranacionalmente: Por esta última expressão deve-se compreender tudo

quanto concerne a viagens, deserções em tempo de guerra, intercâmbio de crianças, etc. Como exemplo vivo, citemos apenas a edição do órgão jornalístico da S. A. T., o «Sennaciulo» (O Anacionalista), que, antes da guerra, tinha redação em França e tipografia na Alemanha e, agora, redação em França e tipografia na Holanda. Além daquele semanário, publicou-se também, durante muitos anos, no mesmo regime de colaboração internacional, melhor, supranacional ou anacional, a excelente revista esperanta «Sennacieca Revuo», que se espera poderemos voltar em breve a ler de novo. A saída regular de ambas as referidas publicações periódicas, não falando na edição de muitos livros segundo o mesmo sistema, constitui um resultado digno de atenção, tanto sob o ponto de vista técnico quanto sob o ponto de vista moral.

E' verdade que negociantes podem também tirar proveito de semelhantes relações. Mas a diferença está em que um negociante visa a um interesse pessoal, enquanto que nós somos impulsionados por motivos ideais. Relações sem um ideal, do mesmo modo que um ideal sem relações, são insuficientes para aproximar os povos. Criando e desenvolvendo um organismo supra-estatal e supranacional, tornaremos possível a modificação, por meio dele, das nossas mentalidades. O esperanto constitui um poderoso instrumento, que nos permite realizar a nossa atividade de dissolução das fronteiras espirituais, que têm por fundamento as diferenças linguísticas e, portanto, levar a cabo o nosso trabalho de aproximação dos povos, numa anulação do terrível anátema divino lançado sobre os pobres construtores da Torre de Babel.

Sem dúvida os revolucionários profissionais continuarão ainda por muito tempo a ignorar a língua internacional. Barafustando esforçar-se-ão por modificar a ordem social, desde cima, por meio de decretos e leis, na maior parte todos inaplicáveis, e tachar-nos-ão de fantasistas que desperdiçam as suas energias.

Mas nós devemos adquirir a consciência de que, acostumando-nos a uma ação extranacional, seremos os mais seguros revolucionários, porque levaremos a revolução nos nossos espíritos, porque já faremos funcionar em embrião um sociedade como é de esperar que virá a funcionar a sociedade mundial do futuro.

LIÇÃO DOS FÁTOS

(Continuação da 3ª pag.)

nomia da coletividade, e que, pelo contrário, é roubado o trabalhador cujo ordenado não ultrapassa Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) por mês. E verão finalmente que, enquanto houver

PRACINHAS

Foram convocados, em tese, civis por falta de um exército permanente. O que o povo conhece com esse nome é uma instituição cuja finalidade é dar golpes e contra-golpes e conseguir toda espécie de regalias para os seus membros graduados, mas só para os que saibam rezar pela cartilha da anulação completa da personalidade.

Ninguém desconhece o golpe de 1889, desferido com o apoio das classes conservadoras despojadas de seus escravos, contra o govêrno de Pedro II, trasvasamento de bôlis represada desde 1870; o golpe de 1930 cedendo a intrigas políticas e ao pavor à responsabilidade ante a gravidade das lutas que se travariam em S. Paulo e D. Federal. O golpe de novembro de 1937, e o contra golpe de 1945, demonstração de força contra o seu polichinelo (para não resolver cousa alguma, a situação que o diga) que melhor ficaria se fosse feita onde a F. E. B. lutou.

Portanto, são, em tese, os pracinhas, civis convocados. Seriam também civis, os oficiais superiores, se o C. P. O. R. os possuísse.

Foram convocados pracinhas de vários tipos: uns que partiam satisfeitos porque iam esmagar a fera fascista lá no seu covil; outros que cediam ao que supunham ser um dever de cidadão; outros, ainda, porque não podiam deixar de ir; enfim, outros, os inte-

gralistas, que não tendo personalidade, pois a transferiram ao «chefe-nacional», não tiveram a ombridade de se recusarem a lutar contra os seus companheiros de idéias.

Os pracinhas partiram e se houveram com dignidade! Avançaram sempre, não recuaram nunca. Ajudaram a esmagar e desmoralizar o exército profissional de casta, o exército prussiano que deixava de beijo caído a quantos engalonados assistiam, pelos quartéis, as suas demonstrações em passo de ganso. Deixaram desenhado, em campos da Itália, um distintivo de protesto ao fascismo, à anulação da personalidade humana, ao embrutecimento do ser humano: — o cemitério de Pistóia.

Nós acompanhamos a sua trajetória desde que aqui se organizaram até que nem todos voltaram. Participamos da campanha de levantamento moral dos que partiam, insuflamos entusiasmos a homens de bem que por cá ficavam, afim de que tivessem força e coragem para neutralizar a ação daqueles que se entregavam a bebedeiras por cada vitória fascista, por cada afundamento de navios brasileiros, e que eram tacticamente apoiados pelo Govêrno da ditadura que nos fazia acompanhar de seus investigadores.

Não criamos que, vencida a máquina fascista, fôsse

(Continua na 4ª pag.)

Importante conferência dos grupos anarquistas em França em 25-9-46

Realizaram essa conferência: o secretário da Federação Anarquista de Londres; um delegado da Federação Anarquista de França; o secretário do C. N. J. J. L. de Andorra; 129 delegações diretas representando 11 regionais de grupos anarquistas; dois delegados diretos do C. Peninsular da FAI e dez participantes individuais.

Os delegados do interior da Espanha relatam minuciosamente as atividades de agrupação, propaganda e ação revolucionária, mostrando a necessidade premente de auxílio aos combatentes do fascismo em Espanha.

Considera-se necessário manter a mais estreita relação da militância anarquista para defender os princípios essenciais e finalida-

des do anarquismo dentro do Movimento Libertário e da CNT. Sobretudo, não se reconhecerão nem aceitarão relações com qualquer organismo político ou elementos estatais.

O movimento anarquista espanhol apoiará, quer individual quer coletivamente toda atuação popular tendente à supressão do Estado e formas autoritárias.

Decidiu-se que, dadas as possibilidades de um movimento revolucionário em Espanha, os grupos anarquistas não permitirão nenhuma transigência de princípios ou táticas, imprimindo-se ao movimento uma ação de rua, de insurreição popular e sindical e jamais por vias oficiais de colaboração governamental.

Sugere-se que os anarquistas procurem, em todos os seus atos e relações sociais ser expoentes desse conjunto de valores morais que constituem a força e riqueza do movimento anárquico, sempre mais poderoso e consciente de si mesmo.

Accepta-se em princípio e com geral entusiasmo a celebração da Conferência Intercontinental do Mov. Libert. e do Congresso Internacional.

O Papa contra Deus

(Continuação da 2ª pag.)

ao lado dos mesmos para lograr a mesma sorte.

As onze penas de morte não o firmarão paz permanente, desejo único da humanidade. E já é tempo de que o mundo obreiro que até agora tem acudido às igrejas, deserte das filas católicas como das políticas, convencidos de que, nem o Papa negro de Roma, nem o Papa rubro de Moscou, nem nenhum outro, trabalham pela harmonia de indivíduos e povos.

Chegou o momento em que os trabalhadores do mundo se devem organizar, sem humilhar-se a serem dirigidos por líderes ou por padres, afim de se defenderem da exploração e das guerras que os governos declaram e os líderes e sacerdotes abençoam. O que há de morrer é a Autoridade, a religião e todos os sistemas de governar, sistemas que não cessam de fazer milhões de vítimas.

Pela saúde e salvação de todos os povos não mais patibulos de vingança! Levantemos as forças que de vez acabem com as causas da agressão, da mentira, da tirania, da guerra permanente entre os seres humanos, por meio da exploração e dominação de um homem por outro através do Estado.

Nota. Inserimos com prazer a tradução desse primoroso artigo para dar a conhecer aos companheiros do Brasil, um dos mais autorizados e dignos escritores do anarquismo.

A voz da Espanha que luta pela liberdade

Sub-delegação no Brasil da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol

Este organismo, devidamente autorizado pela organização de Resistência da Espanha, Comitês da França, México e África do Norte e com a Comissão organizadora da Conferência Internacional do Movimento Libertário Exilado, trabalha com carinho no auxílio aos que lutam contra a funesta tirania Franco-falangista.

Para tal fim e com o nobre propósito de informar aos libertários e a quantos no Brasil prestam o seu concurso ao povo espanhol, este comitê mantém relações dire-

tas com os comitês antes mencionados.

De igual forma contribui para ajudar economicamente aos que combatem heroicamente no interior da Espanha e a imprensa libertária que, na Europa e América, faz intensa campanha contra a tirania franquista.

Movimento Econômico.

De julho de 1945 a setembro de 1946, foram enviadas as seguintes importâncias para a luta pela libertação da Espanha.

A «Tierra y Libertad», do México,	200 dólares,	cr\$ 4.000,00.
A «Cultura Proletária» New York	10 dólares,	cr\$ 200,00.
A «Solidaridad Obrera» México,	10 dólares,	cr\$ 200,00.

Total 220 dólares, cr\$ 4.400,00.

Para os Guerrilheiros da Resistência, 250 dólares, cr\$ 4.400,00

Por sua vez os camaradas de São Paulo contribuem eficazmente para auxiliarem os lutadores da Espanha e o seu órgão na imprensa — *Tierra y Libertad* — publica continuamente os donativos enviados diretamente da capital paulista fazendo grandes elogios ao espírito solidário dos anarquistas do Brasil.

As últimas remesas daqueles camaradas publicadas no órgão libertário são de 187 dólares ou 1.053 pesos respectivamente, o que equivale a um total de cr\$. . . 9.000,00 — aproximadamente.

No dia 25 de outubro, esta sub-delegação enviou para os camaradas da «Resistência» a importância de 1.000,00 ou sejam 50 dólares, produto das seguintes contribuições:

Z. Oliva, 500,00 — A. Vaisella, 30,00 — Lista de A. Pessagno 150,00 — Idem de J. Ramon. 200,00 — e mais 120,00 do fundo da sub-delegação, o que faz o total de 1.000,00.

Rasgo solidário dos camaradas de São Paulo.

O Comitê Antifascista de Libertação do Povo Espanhol de São Paulo tendo em vista o grande número de refugiados espanhóis que passam pelo Brasil em demanda da Venezuela e outros países do Continente Americano, e as dificuldades econômicas com

que luta esta sub-delegação para atender aos casos de maior urgência pôs a nossa disposição a importância de 2.000,00.

O nosso auxílio aos refugiados

Dentro das nossas possibilidades esta sub-delegação tem prestado o seu concurso aos refugiados espanhóis em trânsito para a Venezuela e outros pontos da América Latina, facilitando-lhes roupa e outros objetos indispensáveis para as mesmas.

Também a algumas famílias refugiadas na França cuja situação econômica é lamentável foram enviados alguns pacotes com víveres e fazemos diligências para enviar alguma roupa e outros objetos indispensáveis para as mesmas.

Apelo aos camaradas do Brasil

Feita esta exposição das nossas atividades, esta sub-delegação faz um apelo a todos os camaradas do Brasil para que prestem o seu valioso concurso, pois com ele será maior a obra solidária dos anarquistas e antifranquistas do Brasil a favor dos que, pondo em perigo a própria vida, lutam heroicamente contra a brutal ditadura Franco-falangista e pela liberdade do povo espanhol.

Rio de Janeiro, novembro de 1946.

Pela sub-delegação da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol no Brasil, o secretário

M. P.

AÇÃO DIRETA

Balancete correspondente ao período de 1.º de abril a 30 de novembro de 1946 — Ns. 1 a 25

RECEITA

Contribuição dos camaradas do Rio de Janeiro.	Cr\$ 22.440,70
Idem da Organização Anarquista de S. Paulo (capital)	Cr\$ 17.450,00
Idem de Presidente Bernardes (São Paulo).	Cr\$ 2.250,00
Idem de Campinas (São Paulo).	Cr\$ 650,00
Idem do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé.	Cr\$ 2.015,00
Donativos de camaradas espanhóis de São Paulo.	Cr\$ 810,00
Produtos de vendas nas bancas e avulsos.	Cr\$ 1.977,70
Saldo da antiga Liga Anti-Clerical	Cr\$ 426,00

Total da Receita. Cr\$ 48.019,40

DESPESA

Impressão de 25 números.	Cr\$ 31.600,00
Compra de papel.	Cr\$ 7.830,20
Expedição, correspondência, transporte de papel, envios ao exterior e gastos gerais de administração.	Cr\$ 1.484,10
Clichês.	Cr\$ 150,00
Despesas com o registro do semanário no Departamento de Informações e Propaganda.	Cr\$ 426,20

Total das despesas. Cr\$ 41.490,50

RESUMO

RECEITA	Cr\$ 48.019,40
DESPESA	Cr\$ 41.490,50

Saldo líquido para o n.º 26. Cr\$ 6.528,90

Apelo dos guerrilheiros da Federação anarquista de Carrara

Contra os vis detratores dos guerrilheiros (partigiani) italianos detratores que ousam chamar a esses heróis fascistas quando são eles os fascistas, publicamos, no número passado, o apelo da Federação Anarquista do Piemonte. Hoje damos o apelo dos próprios guerrilheiros da Federação Anarquista de Carrara.

Os camaradas e leitores verão até que ponto vai a calúnia dos traidores comunistas que, acamarrados com os dominantes de Itália, injuriam e ajudam a perseguir os únicos intransigentes inimigos do fascismo na península.

Camaradas guerrilheiros!

Após longos anos de luta contra o fascismo, depois de haverem sacrificado tudo em uma guerra que custou a perda dos nossos melhores, quer agora a burocracia abater-vos com sua indiferença e as suas armas usuais: traição e corrupção.

Esses vis ofendem e espezinham os nossos companheiros que morreram combatendo e deixaram esposas, filhos e mães na mais negra miséria, forçadas a estender a mão ou a vender-se por um pedaço de pão, o qual, e m rigor, apenas evita um fim instantâneo, pois se extinguem como se apaga a chama por falta de óleo.

Essas máscaras, composto de todas as brutesas humanas, tentam estrangular-vos, servindo-se precisamente desses capitais defendidos, só por nós, guerrilheiros, contra a fúria do nazi-fascismo, nós que lutamos por longos meses acinguidos, estimulados por esta fé, que eles não conhecem, na liberdade e na justiça e na criação de um futuro melhor para os jovens que virão.

Nossa Carrara que tão tenazmente defendemos e salvamos, está para tornar-se ainda a mesma de antes, a de durante o fascismo, propriedade daqueles crápulas que tudo abandonaram à fúria nazi fascista, pondo a salvo o corpo e a velhacada.

Leis e amistia são obras deles e se fizeram para proveito deles só, porquanto, ao passo que detêm por longos meses guerrilheiros de indiscutível honestidade, põem em liberdade os grandes responsáveis de todo o mal que se fez à Itália e, podemos dizê-lo, a todo o mundo.

Ora, essa burguesia cancerosa promete a muitos desses responsáveis recuperar as posições adquiridas em paga de méritos fascistas, favorecendo assim a possibilidade de outro fascismo.

Camaradas guerrilheiros

A tais provocações respondemos como respondemos durante a luta contra o nazi-fascismo, porque a nossa luta que salvaguardou empresas industriais e

haveres pessoais, não foi debilitada, mas esperança de redenção que agora eles frustram.

Desta vez, dizendo embora a todos os nossos que não se prestem a nenhum embuste, mas, silenciosamente, não abandonem os postos da luta, nossa marcha, se

necessário for empreendê-la, será tão inexorável quanto justa, será de não deixar sequer o mínimo vestígio desse mal que ensanguentou nossa pobre humanidade.

Os partigiani da F. A. I. (publicado em il' 94 de Carrara, setembro de 1946)

PRACINHAS

(Continuação da 3ª pag.)

vencida a tirania. Sabíamos que quem gerou aquele monstro, outros monstros geraria.

Pregávamos isso mesmo, quando, falando a trabalhadores, ou na praça pública ao povo em geral, dizíamos que, cessada a guerra, os acordos dos três grandes (três grandes hipócritas) cessariam, porque cessadas seriam as causas transitórias que os determinaram e novas causas apareceriam (os interesses econômicos de cada um) que fariam dos tais acordos os «trapos de papel» de sempre.

Pregávamos isso mesmo porque jamais acreditamos que a reação sairia da guerra com «os dentes partidos», que a reação não teria mais clima no Brasil e no mundo», porque só tínhamos compromisso com a consciência de quem deseja concorrer para que haja, um dia, uma sociedade de produtores livres, livres da tutela de toda e qualquer espécie de autoridade, palavra que significa prepotência, opressão, negligência, arbitrariedade, convênia, desmando.

E no auge da nossa comoção apelávamos para os trabalhadores que se organizassem quanto antes; do contrário, seria vão, tanto sacrifício!

E pensávamos nos pracinhas, e pensávamos nos mutilados... Seriam vexados, esquecidos, abandonados. Não saiam da nossa retina os mutilados norte-americanos da guerra de 1941, ameaçados de serem dissolvidos à bala quando exigiam o pagamento dos soldados atrasados.

Foi pensando neles e para que partidos políticos não viessem a tomá-los por bandeira em suas lutas partidárias, o que seria degradá-los à vil condição, é que pedimos ao Clube Acemista, organização da Associação Cristã de Moços, instituição completamente apo-

lítica e liberal quanto é possível ser em regime burguês, que chamasse a si o encargo de zelar pela causa dos mutilados, procurando alevantar-lhes o moral e estudar meios com que, trabalhando, pudessem manter a fronte erguida qual mantiveram durante a maior hecatombe de toda a História!

Aquela instituição, no entanto, que já havia sido ameaçada de fechar pelo integralista Newton Cavalcante, temendo melindrar a L. B. de Assistência, instituição de oportunistas e aproveitadores, recuou.

E não era infundado quanto prevíamos. Já começaram os integralistas a minar a discórdia entre os combatentes e a caluniá-los. Já entram os fascistas no gozo das suas riquezas ou voltam dos seus antigos postos, tudo recuperando, promoções e atrasados. Entretanto, muitos pracinhas curtem dificuldades e até privações. Choram ainda os filhinhos dos naufragos, os filhinhos dos que não voltaram.

O que é aqui, é no mundo inteiro e será sempre enquanto se confiar nos Governos.

Pracinhas, a luta ainda não terminou. O mal foi deixardes, vós e os vossos companheiros de todo o mundo, arrebataram-vos as armas sob pretexto de paz.

Nada espereis dos Governos. Vede-o por toda a parte a sustentar, com a miséria da classe produtora o fausto dos que nada produzem.

Pracinhas, só a ação direta por cima de Governos, por cima de Estados, pode acabar com esse estado de cousas. Só a ação direta pode organizar um mundo de paz, um mundo sem guerras, um mundo de produtores livres!

Seraphim Porto



Propaguem

Ação Direta

NOTA—Aos camaradas do interior enviaremos uma relação detalhada das suas contribuições. Quanto aos do Rio de Janeiro encontrarão as listas de contribuições a sua disposição na redação de Ação Direta.

Rio de Janeiro, novembro de 1946

Pela redação de Ação Direta

O Diretor, José Otílica — O administrador, Manoel Peres